

# “Kafkaneando” e “erro de português”: contradiscurso em poemas de Cristiane Sobral

p. 38 - 49

Mônica Cristina Metz<sup>1</sup>

## Resumo

A partir dos estudos literários pós-coloniais, este trabalho objetiva analisar e refletir acerca de aspectos do discurso colonial presentes em dois poemas da escritora contemporânea Cristiane Sobral. Baseando-se, principalmente, nas discussões de Ashcroft, Griffiths e Tiffin, (2007), Bhabha (1991) e Bonnici (2005; 2009; 2012), apresentam-se alguns aspectos da teoria pós-colonial que subsidiam as análises e reflexões sobre os modos como a representação do negro e da mulher negra no colonialismo são recuperados para a construção de contradiscursos nos poemas de uma escritora negra da atualidade. A análise dos poemas *Kafkaneando* e *Erro de Português* permite dizer que as formas de contradiscurso constituem-se da problematização da condição do negro e da mulher negra na sociedade atual, mostrando que a luta pela sua representação como sujeito é árdua e contínua. A denúncia do erro e a criação de verbos de ação constroem, assim, metáforas de estratégias que precisam ser criadas cotidianamente para resistir nessa luta.

**Palavras-chave:** Pós-colonialismo. Contradiscurso. Cristiane Sobral.

## Abstract

From post-colony literature studies, this paper goal is to analyze and make a reflexion about the colony discourse aspects present in two poems from the contemporary writer Cristiane Sobral. It is based, mainly, in Ashcroft, Griffiths and Tiffin, (2007), Bhabha (1991) and Bonnici (2005; 2009; 2012) discussions, being presented some aspects of the post-colonial aspect which assist the analysis and reflexions about the ways how the black and the black woman in the colonialism are recovered to the construction of the opposite discourse in poems of a black writer in the current times. From the poem's analysis *Kafkaneando* and *Erro de Português* it is possible to say that the opposite discourse is built about the problem of the black and black woman condition in the current society, showing that the fight by its representation as subject is hard and continuous. The denouncement of the error and verb action creation is built, thus, strategy metaphors which need to be daily created to resist in this fight.

**Keywords:** Post-colonialism. Opposite discourse. Cristiane Sobral.

---

*“A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da*

*ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”*  
(CANDIDO, 1988, p. 175).

## Introdução

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM

A literatura, ao longo da sua história, foi se delineando com um papel importante na constituição da cultura das sociedades letradas, seja como manifestação artística, seja como uma forma de retrato das condições históricas e ideológicas vivenciadas pelas sociedades nas quais se desenvolveu. Como apontado por Antonio Candido (1988), a literatura é um espaço no qual as questões sociais de diferentes ordens se fazem transparecer, se dispõem a problematizar e se põem a polemizar.

Sob essa perspectiva, este trabalho tem por objetivo analisar dois poemas da escritora, atriz e poetisa brasileira Cristiane Sobral, a partir das discussões dos Estudos Pós-coloniais, com o intuito de refletir sobre as formas como as escritas literárias da atualidade buscam ainda a construção de um contradiscurso em relação às ideologias coloniais tão presentes na literatura das sociedades colonizadas. A análise se fundamenta, principalmente, nas discussões de Ashcroft, Griffiths e Tiffin, (2007), Bhabha (1991) e Bonnici (2005; 2009; 2012) acerca dos modos de representação dos sujeitos coloniais.

Nesse sentido, uma análise literária sob o viés do pós-colonialismo “vai além de uma análise estética, penetrando mais nas estruturas profundas da ficção e na ideologia pós-coloniais” (BONNICI, 2012, p. 13). Dessa forma, busca-se pensar nas formas dialéticas utilizadas pela poetisa de vivenciar e contra-argumentar os discursos racistas e machistas ainda preconizados numa sociedade pós-colonial.

## Questões sobre a teoria pós-colonial

Para Bonnici (2005, *online*), em sentido geral “o pós-colonialismo é uma práxis social, política, econômica e cultural objetivando a resposta e a resistência ao colonialismo, tomado no sentido mais abrangente possível”. Dessa forma, as

reflexões e análises realizadas sob o viés dos chamados Estudos Pós-coloniais se configuram a partir de estratégias interpretativas que buscam problematizar e desconstruir o modo como os sujeitos coloniais são representados e construídos nas produções culturais colonialistas, bem como, de análises acerca de produções pós-coloniais que produzem um contradiscurso, numa tentativa de resistência a essas representações de dominação e em busca de autonomia. De acordo com Bonnici (2005, *online*), pesquisas nesse sentido “estão crescendo continuamente porque a crítica pós-colonial permite uma investigação abrangente nas relações de poder em múltiplos contextos”.

Segundo Burke (2008, p. 64), “uma das principais razões para a reação contra a grande narrativa da civilização ocidental consistiu na consciência cada vez maior daquilo que ela havia deixado de fora ou tornado invisível”. Vários são os aspectos deixados de fora no contexto das escritas eurocêntricas e um desses aspectos se refere às vozes do negro, do índio e da mulher. Desse modo, os Estudos Pós-coloniais foram se constituindo de um grupo de tópicos interdisciplinares a partir dos quais se começou a problematizar as formas como o discurso eurocêntrico se constitui na fabricação do sujeito colonial e como perdura em tempos pós-coloniais.

Um desses tópicos se volta à problematização acerca da dicotomia entre sujeito-objeto na qual as figuras do dominador e do dominado são respectivamente representadas. Assim, o sujeito é aquele que se representa (homem, branco, europeu), por se considerar superior é o possuidor da voz e do poder, e o objeto é o representado, por ser considerado inferior, não tem direito à voz (todo aquele que não é homem branco europeu).

Sob essa perspectiva, os conceitos de raça e racismo, também, foram usados muitas vezes como forma de justificar através de características biológicas, comportamentais e genéticas as ações

dos colonizadores sobre os povos colonizados. Pode-se dizer que esse processo passou por algumas etapas que ajudaram os colonizadores a montar uma imagem sobre o colonizado. Nesse sentido, o discurso imperial fabrica o outro a partir de um processo de outremização, que terá a tarefa de construí-lo estereotipadamente e excluí-lo da sociedade.

Com a expansão marítima da Europa e consequente colonização dos diversos sertões pelo mundo a explorar, esse processo culminou no extermínio e segregação de povos pelos mais diversos aspectos, sendo os principais ligados à biologia e aspectos físicos das populações colonizadas, desencadeando aquilo que foi conhecido como racismo e ainda está presente em nossa sociedade. Dijk (2012, p. 11) afirma que “nesse sistema de dominação, os não europeus (outros) foram sistematicamente segregados e tratados como inferiores, uma ideologia que serviu como legitimação da escravidão, da exploração e da marginalização”.

O conceito de racismo começou a ser cunhado ainda no século XVI nas formações dos estados nacionais, procurando enfatizar algumas diferenças entre os povos, como as diferenças linguísticas e históricas. Nesse sentido, Silva e Silva (2006, p. 347) nos mostra que o conceito de raça foi ao longo da história se modificando, sendo normalmente estudada dentro das academias. Esse processo teve seu ápice no século XIX, em que a partir das diversas academias como a de biologia, física, medicina, criminologia, bem como, as teorias do positivismo de Augusto Comte “[...] pretendiam estabelecer as características psicológicas de cada raça com base nas medidas e tamanhos dos crânios” (SILVA e SILVA, 2006, p. 347). Esse tipo de pensamento influenciou as teorias eugênicas do século XIX e XX, que propagavam a superioridade de uma raça sobre as outras, juntamente com as teorias evolucionistas,

das quais Charles Darwin foi o expoente, a partir das quais se começou afirmar através do que foi chamado de Darwinismo social que haviam não somente diferenças entre raças, mas como uma raça seria superior a outra.

Outra teoria que teve grande difusão no século XIX, principalmente no Brasil, refere-se à teoria do branqueamento. Devido à miscigenação que “assolava” o país, muitos teóricos acreditavam ser essa a “salvação da nação”. O objetivo principal dessa teoria era o da manutenção ou conservação de uma sociedade regida por uma hierarquização extremamente rígida na qual o branco era o superior e o negro e as demais raças inferiores. Essa teoria, segundo Schwarcz (1993, p. 12), acreditava que “passando por um processo acelerado de cruzamento, e depuradas mediante uma seleção natural (ou quiçá milagrosa), levariam a supor que o Brasil seria, algum dia, branco”.

Desse modo, o sujeito colonizado será deixado às margens pelo discurso colonial, pois esse indivíduo será caracterizado como sendo inferior, primitivo, canibal, sem alma, preguiçoso, etc. Sobre o discurso colonial Bhabha (1991, p. 178) pontua:

Reside na força da ambivalência dar ao estereótipo colonial sua atual forma de ser: assegura sua repetição ao mudar as conjunturas históricas e discursivas; informa suas estratégias de individualismo e marginalização; produz este efeito de verdade provável e de predicabilidade que, no caso do estereótipo, deve aparecer sempre *em excesso*, mais do que ser provado empiricamente ou construído logicamente.

Vemos que os colonizadores constroem seu “eu” a partir do “outro” fazendo com que haja uma separação bem definida entre o colonizado e o colonizador a partir da diferença entre ambos. Nesse sentido é que se fala em outremização. Segundo Ashcroft, Griffiths e Tiffin, (2007, p. 156):

This term was coined by Gayatri Spivak for the process by which imperial discourse creates its ‘others’. Whereas the Other corresponds to the focus of desire or power (the M–Other or Father – or Empire) in relation to which the subject is produced, the other is the excluded or ‘mastered’ subject created by the discourse of power. Othering describes the various ways in which colonial discourse produces its subjects. In Spivak’s explanation, othering is a dialectical process because the colonizing *Other* is established at the same time as its colonized others are produced as subjects.<sup>2</sup>

Esse discurso foi legitimador do processo de colonização, pois formava esse outro (colonizado) como ser inferior não dotado de inteligência, isto resulta em uma forma de deixá-lo às margens das estruturas sociais, ou seja, é uma forma de mantê-lo fora da sociedade. Ao passo que esse outro é caracterizado estereotipadamente, este não pertence ao meu grupo (europeu-branco-civilizado), pois não atende aos padrões do meu “eu” que veio colonizá-lo, logo, posso tratá-lo como inferior. Ainda, nesse sentido, Ashcroft, Griffiths e Tiffin, (2007, p. 155-156) afirmam:

This Other can be compared to the imperial centre, imperial discourse, or the empire itself, in two ways: first, it provides the terms in which the colonized subject gains a sense of his or her identity as somehow ‘other’, dependent; second, it becomes the ‘absolute pole of address’, the ideological framework in which the colonized subject may come to understand the world.<sup>3</sup>

Portanto, pode-se dizer que o Outro se construiu a partir de um discurso colonial, imperial,

o qual é moldado por uma filosofia ocidental que prega uma superioridade do “europeu-branco-colonizador-civilizado” transformando os colonizados numa forma de objetificação do nativo, como mostram também Alves e Bonnici (2005, p. 8). Será contra este tipo de discurso que a teoria pós-colonial se dedicará, mostrando que esse “outro” não é aquele indivíduo que é objetificado, mas sim, um novo “outro” que irá lutar contra o “Outro”.

Nessa perspectiva, também, é que se fala na dupla colonização da mulher, à medida que lhe é negado o direito à voz por ser duplamente dominada, por ser colonizada e por ser mulher. Assim, as questões ligadas às mulheres, que sofriam com a marginalização dentro de sociedades patriarcais, também são problematizadas.

Alguns teóricos tratam das questões pós-coloniais a partir das relações colonizador-colonizado, entendendo que essa seria a lógica primordial do pensamento colonial e que as mulheres, assim como os homens, estariam representadas nessa relação. No entanto, estudos feministas discordam desse ponto de vista, apoiados na argumentação de que as opressões coloniais são diferentes para homens e mulheres e, portanto, as mulheres sofreram o que se entende por dupla colonização, como apresentado por Ashcroft, Griffiths e Tiffin, (2007, p. 95):

[...] colonialism operated very differently for women and for men, and the ‘double colonization’ that resulted when women were subject both to general discrimination as

---

2 “Este termo foi cunhado por Gayatri Spivak para o processo pelo qual o discurso imperial cria seus “outros”. Considerando que o Outro corresponde ao foco do desejo ou poder (o M-Outro ou pai - ou Império) em relação ao qual o sujeito é produzido, o outro é excluído ou sujeito dominado criado pelo discurso do poder. A outremização descreve os vários modos pelos quais o discurso colonial produz seus sujeitos. Na explicação de Spivak, a outremização é um processo dialético porque o colonizador Outro é estabelecido ao mesmo tempo em que seus colonizados outros são produzidos sujeitos” (tradução nossa).

---

3 Este Outro pode ser comparado ao centro imperial, discurso imperial, ou o próprio império, de duas maneiras: primeiramente, ele fornece os termos a partir dos quais o sujeito colonizado ganha um senso de sua identidade como, de alguma forma, ‘outro’, dependente; em segundo lugar, ele se torna o ‘pólo absoluto de endereço’, o quadro ideológico no qual o sujeito colonizado pode vir a compreender o mundo (tradução nossa).

colonial subjects and specific discrimination as women needs to be taken into account in any analysis of colonial oppression (Spivak 1985a,1985b,1985c and 1986;Mohanty 1984; Suleri 1992).<sup>4</sup>

Nesse sentido, as discussões sobre gênero acabam reivindicando o seu espaço entre os estudos pós-coloniais, ajudando numa forma de integrar essa mulher à sociedade, dando-lhe voz ativa, numa luta contra os binarismos “que relacionam em última instância a mulher com o outro, a terra, a natureza, o inferior a ser dominado ou guiado pela razão superior e cultura masculina” (TELLES, 2006, p. 403). Ao longo da colonização, “à mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação. [...] É musa ou criatura, nunca criadora” (TELLES, 2006, p. 403).

A luta das mulheres pela sua autonomia e pela problematização das formas como eram sempre representadas, como aponta Telles, tem mais de século, e é marcada por diferentes desafios, a começar pelo próprio direito de alfabetização: “[as mulheres] tentaram se livrar da tirania do alfabeto, tendo primeiro de aprendê-lo para depois deslindar os mecanismos de dominação nele contidos” (TELLES, 2006, p. 410).

Sob essa perspectiva, pensar nas formas de representação do negro e mais especificamente da mulher negra na literatura pós-colonial deve levar em conta esse processo de outremização delineado por Spivak para, nesses termos, refletir sobre o poder do discurso colonial na produção das identidades pós-coloniais. Nesse sentido, pode-se aproximar a teoria do discurso de Foucault à crítica pós-colonial para analisar como essa outremização se constrói por meio do discurso e, além disso, como os sujeitos envolvidos nesse processo também constroem sua subjetividade a

partir desse mesmo discurso: “semelhantemente à teoria de Lacan, a subjetividade é construída através do discurso: o indivíduo se identifica com ou reage contra várias posições de sujeito oferecidas por uma variedade de discursos num dado momento” (BONNICI, 2009, p. 257). Dessa forma, sob um viés pós-colonial, não se pode refletir sobre a escrita literária sem que se leve em conta os aspectos sócio-histórico-ideológicos que, por assim dizer, determinam a construção dos seus discursos.

Nesses termos, uma das estratégias apontadas por Bonnici (2009, p. 271) para a análise de obras literárias sob o viés da crítica pós-colonial é “passar de uma atitude que define a literatura como enaltecida e transcendente para uma visão de literatura inserida no contexto histórico e no espaço geopolítico”. Assim, a análise proposta neste trabalho objetiva refletir sobre produções literárias que se enquadram no terceiro momento da literatura pós-colonial, o qual, de acordo com Bonnici (2009, p. 268), refere-se aos escritos literários que buscam desde um certo grau de diferenciação até uma ruptura total dos padrões da metrópole. Na próxima sessão, portanto, passamos a analisar como esses discursos coloniais são recuperados nos escritos contemporâneos de Cristiane Sobral.

## Poemas “Kafkaneando” e “Erro de português” de Cristiane Sobral

Cristiane Sobral é escritora, poeta e atriz brasileira, primeira negra graduada em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília. Suas primeiras publicações literárias foram publicadas nos Cadernos Negros em 2000. Seus escritos tematizam principalmente questões

---

4 “O colonialismo operou de forma muito diferente para as mulheres e para os homens, e a ‘dupla colonização’, que resultou quando as mulheres estavam sujeitadas tanto à discriminação geral como sujeitos coloniais quanto à discriminação específica como mulheres, precisa ser levada em consideração em qualquer análise da opressão colonial” (tradução nossa).



sobre as condições dos negros e das mulheres negras na sociedade brasileira contemporânea.

Passamos à análise, primeiramente, do poema *Kafkaneando*.

O título do poema já começa apresentando uma metáfora ao fazer referência a um autor reconhecido universalmente pelas suas obras literárias que problematizam diferentes questões caracterizadoras das sociedades modernas, como, por exemplo, a crise existencial, a burocratização e as relações sociais: Kafka. De acordo com Modesto Carone (KAFKA, 1997), tradutor de diversas obras de Kafka, o adjetivo *kafkiano* foi criado para caracterizar a incompreensão gerada pelas sequências narrativas, ao mesmo tempo banais e absurdas, de Kafka, que problematizam a condição humana dentro de determinadas estruturas sociais. Nesses termos, o que significaria já no título Kafkanear? Em que consiste a criação de um novo neologismo a partir da transformação de formas nominais (substantivo e/ou adjetivo – Kafka /kafkiano) em uma forma verbal?

Observando a primeira estrofe do poema, percebemos a referência a uma obra específica do autor, *A Metamorfose*, e ao longo do poema a metáfora com o metamorfoseado inseto monstruoso de Kafka vai se constituindo. O eu-lírico inicia o poema com o vocativo “irmãos” para se dirigir a determinado grupo da sociedade, os negros, no qual também se insere ao utilizar pronomes de primeira pessoa. Ao mesmo tempo que se dirige a esse grupo, o eu delinea as formas como esse grupo é representado na sociedade a partir da metáfora com o inseto metamorfoseado que representa apenas aquilo que está à margem nas estruturas sociais. O inseto kafkiano não tem espaço nessas estruturas, figura como um ser inferior que vive em busca de explicações sobre sua própria existência, já que se vê inútil na constituição do mundo humano.

Sob essa perspectiva, Sobral constrói, a

partir da metáfora com o inseto de *A Metamorfose*, uma representação da figura do negro na sociedade contemporânea. Podemos perceber nessa construção como a fabricação do negro pelo discurso colonial permanece nas ideologias brancas atuais. O negro como uma “raça” ou “inseto” inferior que “suja” a sociedade e, portanto, vive resistindo ao extermínio propagado por inseticidas que buscam a “limpeza étnica”, tal como a teoria do “branqueamento” propagada pelos estudos raciais do século XIX.

Constata-se, dessa forma, esse sentimento de inferioridade como herança do processo de outremização fabricado pelo discurso colonial, como aponta Figueiredo (1998, p. 64 *apud* ALVES; BONNICI, 2005, p. 09) “o negro, como colonizado, é criação da Europa. Antes de ter contato com o branco, o colonizado/ o negro não se sente inferior a nenhuma outra raça. Toda a crise identitária surge da negação dos valores humanos e culturais imposta pela colonização”.

O negro ainda luta para conseguir determinados espaços dentro das estruturas sociais contemporâneas, vive “procurando abrigo em qualquer beco” como os insetos, numa luta e metamorfose diárias. No entanto, ainda em comparação com qualquer inseto, o negro é representado como inferior também a este, ao passo que o seu “perfil suspeito” é motivo suficiente para o seu extermínio. Assim como as teorias raciais do século XIX buscavam comprovar por meio da “ciência” que aqueles de pele negra pertenciam a uma raça inferior aos de pele branca (humanos) e com isso justificavam as diversas formas de dominação engendradas aos negros, também hoje a cor da pele justifica determinadas ações, mesmo com os avanços dos movimentos sociais. Os “suspeitos” assassinados são “suspeitos” porque possuem determinado perfil: pele negra. Nesse sentido, “talvez fosse melhor ser um inseto” pois a sua existência,

mesmo muito inferior à humana, não está sob ameaça constante da “polícia genocida”.

Nesses termos, kafkanear pode representar sinonimicamente a ação de sujeitos que estão na busca de uma compreensão acerca da sua condição humana dentro de estruturas sociais desumanizadoras. O sujeito negro busca num verbo que problematiza a relação do cotidiano com o absurdo uma forma de compreender os modos de suas representações e sua condição existencial. Kafkanear é um verbo que pode designar as ações absurdas sofridas e realizadas cotidianamente pelos negros numa sociedade racista. O seu emprego na forma de gerúndio indica a continuidade desses “absurdos”, desde a época colonial as mesmas formas de representação, e as ações que essas desencadeiam, continuam presentes na sociedade.

No segundo poema, *Erro de português*, podemos perceber a referência intertextual a um poema de Oswald de Andrade, com o mesmo título, que trata sobre o encontro dos portugueses com os índios na época da colonização. No escrito de Oswald de Andrade, o erro de português pode ser interpretado como o “erro” dos portugueses em impor sua cultura ao povo que habitava a terra descoberta – erro causado pela “bruta chuva” que encobria a sua capacidade de percepção – ao passo que o “correto” talvez fosse assumir a cultura desse povo. Mas na contemporaneidade, qual a relação metafórica do erro de português em Sobral?

Assim como no poema anterior, o eu-lírico se inscreve na primeira pessoa, mas além disso também se define em relação ao gênero: “a mulata”, “a preta mais linda”, “a neguinha exótica” é a voz que fala no poema, e essa voz é feminina e negra.

Diferentemente do poema *Kafkaneando*, em *Erro de português* a voz negra e feminina não se representa numa posição de inferioridade em relação ao sujeito outro “com seu estilo europeu”,

por impor a sua voz, sua vontade, negando, desse modo, uma condição objetificada do discurso colonial para marcar a sua posição de sujeito: “Tira a mão do meu quadril”.

A negação da condição de objeto, na relação sujeito-objeto do colonialismo, também se mostra na desconstrução de sua condição feminina que passa a se perceber a partir de aspectos que não estão ligados ao corpo feminino como objeto sexual, mas a uma posição sujeito que possui capacidades intelectuais, como o conhecimento de várias línguas, por exemplo. Passamos a perceber uma mulher que resiste a dois tipos de dominação, a do negro que não tem voz e é explorado por ser negro e a da mulher que não tem voz e é explorada por ser mulher: “não sou mulata exportação Brasil”.

Percebemos aspectos da outremização do discurso colonial sendo retomados para se contrapor a eles. As caracterizações das mulheres negras por esses discursos objetivavam justificar as diferentes formas de dominação a elas impregnadas. “O cabelo bombril”, “a preta mais linda”, “a neguinha exótica” são exemplos dessas caracterizações, que, às vezes travestidas de certa positividade, reafirmam a condição inferior e objetificada dessa mulher, que por ter essas características deve servir subjugada aos interesses do dominador, superior, homem e branco.

Como, a partir do terceiro momento da literatura pós-colonial, os sujeitos colonizados passam a problematizar sua condição de objeto e a reivindicar seu direito à condição de sujeito, a mulher negra em *Erro de português* é aquela que constrói sua representação a partir da negação desses discursos outremizados.

Nesse sentido, os discursos agora podem ser reconstruídos de outro ponto de vista, ou seja, não há mais objetos a serem representados, mas sujeitos que adquirem o direito à voz: “Agora é a minha vez...”. O discurso de objetificação não é

mais aceito, bem como aquele discurso travestido de bonzinho, o qual Pratt denominou, em suas análises, “anticonquista” por se constituir de “estratégias de representação por meio das quais os agentes burgueses europeus procuram assegurar sua inocência ao mesmo tempo em que asseguram a hegemonia europeia” (PRATT, 1999, p.32). No poema em análise, a mulher negra não aceita mais esse discurso proveniente de “sua diplomaticamente elaborada cara simpática”, pois este não entra mais em sua gramática. A sua capacidade intelectual permite a análise das relações de poder que esses discursos “escondem” e, portanto, não é mais tão fácil garantir o seu poder de dominação.

A questão da reforma ortográfica, aprovada recentemente nos países de língua portuguesa, também é metaforizada no poema. O objetivo de uniformização da ortografia de língua portuguesa representa determinados apagamentos de idiosincrasias da escrita dos países falantes da língua e, portanto, haveria uma unificação entre esses países. O que Sobral ironiza a partir da metáfora com essa reforma é que a tentativa atual de “unificação”, de “igualdade”, ou de mostrar-se “bonzinho” ao modelo do discurso de anticonquista, não vai apagar aquilo que o discurso colonial construiu e que aparece muitas vezes de forma travestida. Assim, os discursos e as ações que buscam a sua inferiorização são agora denunciados, pois, a partir do seu conhecimento linguístico por muito tempo ignorado, há a capacidade de entendê-los e mais do que isso há a possibilidade de contra eles lutar.

O erro de português para Sobral, desse modo, pode representar a falsa ideia de superioridade do europeu, mais especificamente dos portugueses no Brasil, em relação aos outros povos. Além disso, as ações realizadas na tentativa de dominação a partir dessa superioridade também estão baseadas no erro, afinal, as justificativas e

métodos utilizados para legitimação dessas ações são falsas, à medida que se constroem aos moldes do processo de outremização e deixam escapar a sua falta de conhecimento acerca da constituição dos sujeitos não europeus: “Você desconhece a profundidade da minha língua”, “vai ler muito livrinho de história pra me contextualizar na sua memória”. Assim como qualquer erro, as formas de representação da mulher negra pela sociedade machista branca merece reprovação.

Numa comparação entre *Kafkaneando* e *Erro de português*, podemos perceber duas formas de contradiscurso em relação à representação do negro na sociedade contemporânea. No primeiro, a representação a si mesmo se dá a partir da denúncia da inferiorização e condição objetificada pregada pelos discursos coloniais que se mantém na atualidade. Essa denúncia constitui uma forma de contradiscurso, ao passo que o sujeito negro reflete sobre o discurso que busca a manutenção de uma superioridade branca e problematiza a sua condição inferior. Além disso, denuncia ações cotidianas responsáveis por esse processo. No segundo, há também a denúncia desse mesmo discurso que muitas vezes aparece travestido, e a representação de um sujeito que nega e se contrapõe a uma dupla inferiorização do discurso colonial, colocando-se numa condição de sujeito de fato, com, pois, direito a voz. Os dois poemas, desse modo, constituem-se da problematização da condição do negro e da mulher negra na sociedade atual, mostrando que a luta pelo direito à voz, à autonomia, à condição de sujeito e ao empoderamento da mulher negra é árdua e contínua. A denúncia do erro e a criação de verbos de ação são, assim, metáforas de estratégias que precisam ser criadas cotidianamente para resistir nessa luta.

## Conclusão



Retomando nosso objetivo neste trabalho de analisar dois poemas de Cristiane Sobral com o intuito de refletir sobre as formas como as escritas literárias da atualidade buscam ainda a construção de um contradiscurso em relação às ideologias coloniais, podemos concluir que as formas construídas pela poetisa constituem-se de denúncia e de criação de ações que buscam, cada vez mais, problematizar as representações herdadas pelo discurso eurocêntrico para se opor e agir contra ele.

Sob um viés pós-colonial, portanto, é necessário levar em conta os aspectos sócio-histórico-ideológicos que determinam a construção também desses contradiscursos. Nesse sentido, Sobral deixa transparecer, a partir da denúncia, ações e discursos da sociedade brasileira responsáveis pela reprodução das ideologias racistas e machistas do discurso colonial. A perseguição aos negros e o tratamento da mulher negra como objeto sexual são exemplos de ações que presenciamos cotidianamente por meio da mídia, seja pelas páginas policiais, seja pelas publicidades. E é contra essas formas atuais de estigmatização que também se luta nas escritas literárias atuais.

Para concluir, destacamos, também, que o contexto sócio-histórico-ideológico contemporâneo, apesar de reproduzir os discursos até aqui discutidos, possibilita que a voz de uma escritora, mulher e negra, seja objeto de análise e reflexão dentro do contexto das discussões literárias.

## Referências

ALVES, Elis Regina Fernandes; BONNICI, Thomas. Estratégias de outremização em The Narrative of Jacobus Coetzee. In: **Acta Sci. Human Soc. Sci.** Maringá, v. 27, n. 1, p. 7-14, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/>

[viewFile/1163/589](http://viewFile/1163/589)>. Acesso em: 20 set. 2016.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **Pos-Colonial Studies: The Key Concepts**. 2. ed. New York: Routledge, 2007.

BHABHA, Homi K. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 177-203.

BONNICI, Thomas. Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21. *Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 4, no 3, 2005, p. 186-202. Disponível em: <[http://www2.uefs.br/ppgldc/revista3\\_186.html](http://www2.uefs.br/ppgldc/revista3_186.html)> Acesso em: 01 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **O Pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2012.

\_\_\_\_\_. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomaz; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

DIJK, Teun A. van. Introdução. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Racismo e discurso na América Latina**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KAFKA, Franz. **A Metamorfose**. Trad. Modesto Carone. 17. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

PRATT, M. L. **Os Olhos do Império: relatos de**

**viagem e transculturação.** Bauru: USC, 1999.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SOBRAL, Cristiane. **Kafkaneando.** Disponível em: <<https://cristianesobral.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **Erro de Português.** Disponível em: <<https://cristianesobral.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org). **História das Mulheres no Brasil.** 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

**Artigo enviado em:** 18/07/2017

**Aceite em:** 25/07/2017

## ANEXO 1

*Kafkaneando* (Cristiane Sobral)

irmãos

nossa metamorfose é diária

insetos que somos

restos sociais

exército de reserva da humanidade

As armas usam apurada técnica

para realizar a limpeza étnica

nossas vidas ceifadas diariamente

não resistem ao inseticida bélico do capitalismo

a desumanizar nossas trajetórias

como qualquer inseto

não temos teto

vamos kafkaneando

procurando abrigo

em qualquer beco

mas atenção à minha psicose

não sobreviveremos à metamorfose

nem estamos à altura dos insetos!

estes são privilegiados

não poderão ser assassinados

pela polícia genocida

exterminadora de negros e pobres

com perfil suspeito

Kafkaneando

talvez fosse melhor ser um inseto

não temer pela vida do neto ainda não nascido

impossível existência

nesse sistema cruel

fique por aí anjinho

no céu

escondido nas nuvens...

inútil ambição!

não vale a pena

metamorfosear-se em humano

por aqui viver em vão

sem qualquer plano

de salvação.

## ANEXO 2

Erro de português (Cristiane Sobral)

pensa que é malandro? Que vai cavalgar na situação?

Tira a mão do meu quadril

Sua diplomaticamente elaborada cara simpática

não sou mulata exportação Brasil

não entra mais na minha gramática

you vacilou, perdeu a vez

enjoei do seu perfume francês

Não adianta apelar para a reforma ortográfica...

Bancou o superior com seu estilo europeu

Você foi reprovado pelo seu erro

Ei, essa cooperação internacional já deu...

erro de português.

fazendo piadas, meu cabelo não é bombril

pra remediar me chamando de “a preta mais linda que você já viu”

Você desconhece a profundidade da minha língua

minha saliva tem tupi, guarani

bantu com iorubá

italiano com sueco e tupinambá

vai ler muito livrinho de história

pra me contextualizar na sua memória

Agora é a minha vez...

you não sabe o que fez?

vem cá neguinha exótica do meu coração?